O ESTADO DE S.PAULO

Publicado em 14/08/2024 - 06:00

Subsídios tornam conta de luz no País alta apesar de energia barata

Setor elétrico 'Paradoxo'

Subsídios de R$ 40 bi tornam Brasil o país da energia barata e da conta cara

Nos últimos cinco anos, incentivos ao setor elétrico mais do que dobraram, e representam 13,5% do que o consumidor desembolsa todos os meses na tarifa de luz

BIANCA LIMA
BRASÍLIA

Subsídios bancados pelo consumidor são um fator-chave para explicar por que o Brasil é o país da energia barata e da conta de luz cara, dizem especialistas do setor elétrico. Esses incentivos mais do que dobraram em cinco anos e já representam 13,5% da fatura mensal – ante 5,5% em 2018.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) mostra que os subsídios alcançaram R$ 40,3 bilhões em 2023 – cifra equivalente a todo o orçamento do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional.

"Esse é o nosso paradoxo, e não é de hoje. O nosso custo de geração de energia está entre os mais baixos do mundo. Ocupamos a terceira posição global em capacidade instalada de fontes renováveis, atrás apenas de China e EUA. Mas a nossa conta de luz é uma das que mais pesam no bolso do consumidor", afirma Katia Rocha, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Dados compilados pela Associação Nacional dos Consumidores de Energia (Anace), a pedido do **Estadão**, mostram que o preço da energia no mercado regulado (o modelo mais comum para residências) subiu 61% nos últimos 11 anos. Já a tarifa média no País saltou 153% no mesmo período, mais do que o dobro.

Diferença
Preço da energia subiu 61% nos últimos 11 anos, mas a tarifa média saltou 153% no mesmo período

"Enquanto os custos de geração nova em alguns momentos até diminuíram, os valores arcados pelos consumidores não param de crescer", diz Carlos Faria, diretor-presidente da Anace. "A principal razão para esse descompasso é que há uma série de custos indiretos relativos a subsídios aprovados por leis e medidas provisórias", diz.

Há incentivos, por exemplo, a energias fósseis, que são mais caras e poluentes, como é o caso das térmicas a carvão. "É um contrassenso, em uma época em que o Brasil tenta se descarbonizar, perpetuar a contratação de energia proveniente do carvão mineral", afirma a Associação dos Grandes Consumidores Industriais de Energia (Abrace) em documento que propõe ampla reestruturação do setor.

Na ponta oposta, a disparada do benefício às energias eólica e solar, por meio das chamadas fontes incentivadas, também é motivo de alerta. Esses incentivos cresceram 171% nos últimos cinco anos, segundo a Aneel.

"Qualquer planta nova de eólica e solar paga metade de Tust e Tusd (*tarifas de uso dos sistemas de transmissão e distribuição*), sendo que esse já é um setor maduro, que não precisaria mais de tanto subsídio", pondera o professor da UFRJ Nivalde de Castro, que é coordenador-geral do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (Gesel).

Ontem, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, criticou os subsídios ao setor ao falar do projeto de lei das usinas eólicas em alto-mar. "Não vou ser o pai da conta de energia mais cara do mundo", afirmou. "Disse para o presidente Lula que, se ficar insustentável (*tarifa de energia*), eu volto para casa." ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.